

OS ALERTAS DE MAURICIO

SILVANA MARIA PINTAUDI
Universidade Estadual Paulista
Câmpus de Rio Claro
silvanapintaudi@uol.com.br

Existem momentos na vida da gente que ficam marcados de maneira indelével e nem sempre temos coragem de falar sobre eles. Mas, na presente circunstância da partida de Mauricio, colegas e amigos sempre se lembram de detalhes, particularidades que tornavam especial a convivência entre nós. E deixaríamos as vivências guardadas na memória, talvez condenadas ao olvido, caso a ausência de Mauricio não estivesse tão presente para todos nós agora.



Lembro-me muito desta fotografia sempre que penso nele. Ela foi tomada pela Carminha, durante o VI Simpósio de Geografia Urbana realizado em Presidente Prudente, lá pelos idos de 1999. Estávamos num intervalo de mesa redonda, os cinco conversando: Ana Fani, Dona Léa, Mauricio, eu e a Carminha, que não se vê, claro! Mas não é só pela fotografia, é pelo que o Mauricio andou dizendo nos intervalos daquele VI Simpósio. Nesse ano, se não me falha a memória, nosso pequeno grupo, que havia dado início aos Simpósios de Geo-

grafia Urbana, começou a ser chamado ali de “os históricos”. Não nos importamos com o epíteto e continuamos o trabalho, mas era um sintoma forte de uma forma de isolamento. Mauricio fez então um comentário que se generalizou no nosso pequeno grupo: os SIMPURBs, a partir dali, já não seriam mais os mesmos. O nosso sonho estava acabando.

Não vou tecer considerações sobre as mudanças, se elas vieram para melhor ou não, porque não é disso que se trata aqui, mas da percepção clara que teve Mauricio durante aquele Simpósio – do fim de uma época que, ao cabo, não era vivido só na nossa disciplina, mas na universidade em geral. Eu certamente não teria pensado nesse aspecto e, a princípio, considerei até exageradas as tintas com que ele fez a ponderação. Mas ele ocupou um lugar privilegiado para esse tipo de observação junto ao CNPq e à CAPES. Os acontecimentos que se seguiram rapidamente mostraram que ele estava correto em sua observação.

Lembro-me do primeiro alerta como se tivesse ocorrido há pouco, mas, depois de tantos anos, o tempo confirmou a clareza com que Mauricio viu a eclosão do que viria a se instalar com muita força nas universidades, onde a maior preocupação, hoje, reside nos índices de produção: enquanto somos instados, a todo momento, a apresentar trabalhos em reuniões científicas, publicações em toda a sorte de meios disponíveis, a seriedade de um trabalho bem arquitetado, construído com o tempo exigido pela reflexão¹, fica em segundo plano, pois, como se sabe popularmente, a massa que é retirada do forno antes do tempo necessário para crescer fica crua e de difícil digestão. Mauricio deu o alerta para aqueles que com ele viriam a compor o Grupo de Estudos Urbanos. Mas não foi só esse, houve um segundo.

Conversando recentemente com Fani sobre esse tema, ela me fez lembrar que no VII Simpósio, o seguinte, realizado sob a coordenação dela, em 2001, Mauricio comentou que aquele encontro científico seria “o canto do cisne”. Foi isso mesmo, e não me lembraria disso sem sua ajuda, porque o primeiro alerta dele me marcou muito. Em São Paulo, Mauricio confirmou para nós o que provavelmente esteve pensando com seus botões no intervalo entre um Simpósio e outro.

¹ Aqui lembro especialmente o último trabalho do Mauricio – Geografia Histórica do Rio de Janeiro, 1502-1700. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio e Prefeitura do Rio de Janeiro, 2010. 2 v.

Nesse mesmo ano, 2001, criamos o Grupo de Estudos Urbanos, o GEU, para termos um espaço de debates, coisa que no âmbito dos SIMPURBs já se tornava difícil, pelo crescimento exponencial em número de participantes. O fato é que não mais dispúnhamos do tempo necessário para as reflexões acadêmicas sobre a cidade e o urbano, que pudessem a cada simpósio trazer novos conhecimentos sobre a problemática discutida no anterior, sempre num processo que levasse à superação de concepções.

No entanto, dez anos depois do primeiro alerta, o XI Simpósio, realizado em Brasília, em 2009, finalmente deixou muito evidente toda a série de problemas que atravessávamos, com o “produtivismo” que se apossou do meio acadêmico. A nossa indignação foi encaminhada para a produção concreta de uma espécie de manifesto, distribuído na sessão final do encontro, trazendo uma proposta de trabalho a partir da experiência acumulada até então (20 anos). Mauricio já não pôde estar conosco para assinar aquele documento. Que pena! Ele já não conseguia participar de encontros científicos. Dá muita saudade...